



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL - PRONERA**

JORGE LUIS RUBERTO LIMA

**JUVENTUDES E LUTA PELA TERRA NO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Jorge Luís Ruberto Lima

Juventudes e luta pela terra no acampamento Padre Josimo: desafios e perspectivas

Artigo apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Universitário de Miracema, Curso de Serviço Social- PRONERA, para obtenção do Título de Bacharel em Assistente Social, sob a orientação da Prof. Dr^a. Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Miracema do Tocantins, TO

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- L732j Lima, Jorge Luís Ruberto.
Juventudes e luta pela terra no acampamento Padre Josimo: desafios e perspectivas. / Jorge Luís Ruberto Lima. – Miracema, TO, 2025.
23 f.
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Serviço Social - Pronera, 2025.
Orientador: Rejane Cleide Medeiros de Almeida
1. Juventude. 2. MST. 3. Luta pela Terra. 4. Acampamento Padre Josimo. I. Título

CDD 360

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JORGE LUÍS RUBERTO LIMA

JUVENTUDES E LUTA PELA TERRA NO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Universitário de Miracema, Curso de Serviço Social- PRONERA, foi avaliado para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social, e aprovado em sua forma final pela a Orientadora e pela banca examinadora.

Data de Aprovação. ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Rejane Cleide Medeiros de Almeida – Orientadora – UFT.

Profa.(a) Dr.(a) Josenice Ferreira dos Santos Araújo – Examinadora – UFT.

Profa.(a) Dr.(a) Ingrid Karla da Nóbrega Bezerra – Examinadora – UFT.

Dedico este trabalho à minha mãe, mulher símbolo de resistência e às minhas irmãs mulheres de minha vida.

Dedico também às minhas companheiras de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mulheres que transformam o chão em esperança, a luta em consciência e a coletividade em futuro. Que este trabalho seja mais um gesto de reconhecimento àquelas que semeiam justiça, dignidade e vida onde antes só havia exclusão.

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender como ocorre a luta pela terra e organização das juventudes Sem Terra no acampamento Padre Josimo e suas relações na luta em defesa de seus territórios. Como objetivos específicos buscamos: conhecer as experiências de organização das juventudes em seus territórios, compreender a relação das juventudes com a luta pela terra no Acampamento Padre Josimo. E, também, analisar as dinâmicas socioculturais ocorridas no território, a partir do olhar das juventudes. A metodologia utilizada foi pesquisa participativa e entrevistas com 6 jovens do acampamento que compõe o coletivo local. Todos com idades entre 15 e 22 anos de idade. Optamos por colocar o nome de entrevistados por manter em sigilo o nome dos interlocutores/as da pesquisa. O resultado da pesquisa indicou que a participação das juventudes no processo de luta pela terra se dá de várias formas, no caso do coletivo sementes, os jovens se inserem na luta pela terra desde a infância quando as famílias vão para o acampamento, e conseqüentemente todos os membros vão juntos. No movimento Sem Terra ocorre o esforço de inserção e organização de todos os sujeitos, que vivem em cada território organizado pelo MST.

Palavras-Chave: Juventude. MST. Luta pela Terra.

ABSTRACT

This research aims to understand how the struggle for land and the organization of landless youth in the Padre Josimo camp take place and their relationship in the struggle to defend their territories. The specific objectives are: to learn about the experiences of youth organization in their territories, to understand the relationship between youth and the struggle for land in the Padre Josimo Camp. And also to analyze the socio-cultural dynamics taking place in the territory, from the point of view of young people. The methodology used was participatory research and interviews with six young people from the camp who make up the local collective. All were between 15 and 22 years old. We have chosen to use the names of the interviewees to keep the names of the interlocutors confidential. The results of the research indicated that the participation of young people in the process of fighting for land takes place in various ways. In the case of the seeds collective, young people are involved in the fight for land from childhood, when the families go to the camp, and consequently all the members go together. In the landless movement, there is an effort to integrate and organize all the people who live in each territory organized by the MST.

Keywords: Youth. MST. Struggle for Land.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.1	Campo de pesquisa: acampamento Padre Josimo.....	08
2	DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE DO MST	12
3	JUVENTUDE NO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO.....	14
3.1	Juventude do acampamento Padre Josimo.....	16
4	JUVENTUDE E DESAFIOS NA LUTA PELA TERRA.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada no acampamento padre Josimo, em Carrasco Bonito na região do Bico do Papagaio, no norte do estado do Tocantins, divisa com Pará e Maranhão. Região marcada por lutas históricas em defesa da reforma agrária, com uma participação importante de jovens nas décadas de 1970 e 1980, assim como, atualmente, tem a organização de juventudes camponesas em defesa dos territórios e sucessão rural. Por isso é importante pesquisar as formas e perspectivas de organização das juventudes nestes locais. Esta pesquisa é importante também, para compreender as dinâmicas socioculturais, e os desafios enfrentados nos territórios para a garantia de sua própria defesa, a partir da pesquisa participante.

A escolha do Acampamento Padre Josimo para a pesquisa, ocorre devido a presença e participação das juventudes durante todo o seu processo de luta, e com essa mesma pretende-se realizar um estudo sobre como se dá esse processo de participação das juventudes na luta pela terra a partir do processo de luta no acampamento.

Serão entrevistados/as (06) seis jovens do acampamento que compõem o coletivo local, chamado de sementes. Todos com idades entre 15 e 22 anos de idade.

A metodologia foi participativa e a pesquisa de campo foi realizada no Acampamento Padre Josimo. As entrevistas foram semiestruturadas, na qual os/as interlocutores/as relataram a luta pela terra a partir das suas participações. O diálogo foi realizado com as juventudes da localidade através de rodas de conversas, com a finalidade de obtermos os dados sobre as visões de defesa dos territórios, bem como as perspectivas de permanência deles. No caso desta pesquisa, como já referido acima será uma pesquisa participativa, segundo propõe Brandão e Borges (2007):

A pesquisa proporciona a criação do saber, e o saber possibilita à interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas do conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos; os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável; a vida que compartilhamos uns com os outros; o mundo e os infinitos círculos de realização do Cosmos de que nós, os seres humanos, somos parte e partilha. (BRANDÃO; BORGES, 2007, p 57).

Quanto aos objetivos, temos o geral que busca compreender como ocorre a luta pela terra e organização das juventudes Sem Terra no acampamento Padre Josimo e suas relações na luta em defesa de seus territórios. E em relação aos

objetivos específicos temos: 1 – Identificar as experiências de organização das juventudes em seus territórios. 2. Compreender a relação das juventudes com a luta pela terra no Acampamento Padre Josimo. 3 – Analisar as dinâmicas socioculturais ocorridas no território, a partir do olhar das juventudes.

Esta pesquisa tem como referências e embasamento teórico principais, autores e textos que discutem Juventude sem-terra/camponesa no território. Todas essas temáticas irão fornecer suporte necessário para as reflexões, discussões, entendimento, e análises que certamente irão compor todo o arcabouço que envolve a pesquisa. Em relação ao conceito de jovem, trazemos o que define autora Elisa Guaraná (2012):

O conceito de Jovem é um termo usado pelo senso comum, pelo campo acadêmico e mesmo em espaços políticos desde o século XIX. Inicialmente em uma concepção geracional que opunha jovens e velhos, ou jovens e adultos. (GUARANÁ, 2012, p. 437).

O IBGE realizou mais um Censo Demográfico em 2022, importante pesquisa realizada pelo Instituto, uma vez que a coleta de dados é feita em todos os municípios brasileiros. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6,5 milhões de jovens entre 18 e 32 anos vivem no campo hoje (2025). Em relação ao número de jovens que vivia no campo no censo de 2010 demonstra que caiu, uma vez que em 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010), cerca de 8 milhões de jovens moravam em regiões rurais. Diversos estudos, no Brasil e em outros países, apontam para a tendência da saída de jovens do campo rumo às cidades vem crescendo, já apontava, (ELISA GUARANÁ, 2012, p. 440).

No entanto, a percepção, do desinteresse dos jovens pelo campo é confrontada por manifestações de organizações de juventude rural, cada vez mais presentes no cenário nacional. (GUARANÁ, 2012, p. 440).

1.1 Campo de pesquisa: Acampamento Padre Josimo

O acampamento Padre Josimo está situado a margem esquerda do rio Tocantins, no projeto de assentamento Cupim, localizado a cerca de 15 quilômetros da Sede da cidade de Carrasco Bonito, região norte do estado do Tocantins, conhecida como região do Bico do Papagaio, fazendo divisa com os estados do Maranhão e Pará.

O acampamento inicia seu processo de organização na luta pela terra no ano de 2015, através da associação de trabalhadores do município de Carrasco Bonito, onde os trabalhadores montaram acampamento na periferia da cidade. Logo em seguida o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) é convidado para assumir o processo de organização da luta do acampamento, aquele período é marcado pela realização de um grande encontro estadual do movimento, ocorrido na cidade de Carrasco Bonito.

No dia primeiro de maio de 2016, as famílias acampadas se mobilizam em uma ocupação simbólica da fazenda Santo Hilário, marcando então a consolidação da criação do Acampamento Padre Josimo como um território organizado de acordo com as normas e princípios do MST. No retorno da ação de ocupação da fazenda Santo Hilário, seguida da ocupação da unidade avançado do Instituto de Colonização e Reforma Agrária de Araguatins (INCRA), as famílias se organizam para montar acampamento as margens da TO 407, no dia 10 de maio de 2016, com reivindicação de vistoria da fazenda Reunidas.

Em março de 2017 as famílias acampadas tomam a decisão de realizar a ocupação de uma área conhecida na região com 90 alqueires, área também conhecida pelos populares, como área grilada por fazendeiros, e confirmada como área de assentamento (CUPIM), após vistoria realizada pelo INCRA. As famílias sofreram inúmeras formas de tentativas de intimidação e ameaças de despejos, com duas liminares de despejos aprovadas, mas encontraram formas de driblar esses desafios, fortaleceram sua organização com o reforço de seus grupos de famílias e coletivos, e principalmente com a produção de alimentos, inicialmente para a subsistência, e com o passar do tempo foi se fortalecendo na comercialização dos excedentes.

O território do acampamento Padre Josimo hoje conta com a participação de 25 Famílias, com os grupos de famílias ainda funcionando, com dois coletivos se organizando, um coletivo de mulheres e um coletivo de juventudes, com duas casas de produção de farinha de mandioca coletivas, com apiários das juventudes e hortas das mulheres para além de toda a produção diversificada cultivada por cada núcleo familiar do acampamento.

Figura 01: Acampamento Padre Josimo



Fonte: Autor (2025).

Figura 02: Apiários no Acampamento Padre Josimo desenvolvido pelos jovens



Fonte: Autor (2025).

Figura 03: Horta no acampamento Padre Josimo



Fonte: Autor (2025).

2 DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE NO MST

O movimento Sem Terra desde a sua criação se consolida com o sonho e força de juventudes de todo o território nacional, que conduziram o seu processo de nacionalização, principalmente com jovens vindos das Comunidades Eclesiais de Base, e da teologia da libertação da igreja católica. Nos anos de 1990 o debate sobre o papel da juventude veio forte em defesa da educação, durante toda a sua trajetória, as juventudes estiveram presentes nas ocupações de terra, nas marchas, nas escolas, e outros espaços trazendo consigo toda a disposição para o fortalecimento da luta política.

A Juventude Sem Terra é um sujeito político que sempre esteve presente no MST desde seu nascimento na década de 80, quando ressurgia a luta pela terra no Brasil e a abertura democrática. Foi uma militância bem jovem, vinda do seio da Teologia da Libertação que fundou e dirigiu o processo de constituição e nacionalização do Movimento, com objetivos bem claros de lutar por Terra, Reforma Agrária e Socialismo. (MST, 2019, P. 1 MIMÉO)

Durante os anos dois mil sobre o lema do III congresso, Reforma Agrária; uma luta de todos, o Movimento Sem Terra promove uma série de ações com as juventudes da cidade, em parceria com o movimento estudantil, ações essas, sustentadas na análise de fazer o enfrentamento ao esvaziamento das organizações de esquerda relacionado ao trabalho com a Juventude. Só então no ano de 2005 que o debate da organização das juventudes começa a se internalizar no MST, quando se cria o coletivo nacional da juventude Sem Terra, e passa a ser reconhecido como instância organizativa.

Em 2005, entramos para a vida orgânica do MST, com a construção do Coletivo Nacional da Juventude Sem Terra, como expressão do processo de mobilização da Marcha pela Reforma Agrária, na qual a maioria dos marchantes eram jovens. Ali, realizamos a I Assembleia Nacional da Juventude Sem Terra, nos posicionando enquanto sujeitos e sujeitas de nossa organização. Desde então realizamos mais duas assembleias nos Congressos Nacionais do MST nos anos de 2007 e 2014 (MST, 2019, P. 2, MIMÉO).

O processo de consolidação do coletivo de juventude Sem Terra, vai se dando a partir das construções dos coletivos estaduais, regionais e locais, nas áreas de acampamentos, assentamentos e escolas. Se tornado espaços de auto-organização, para o fortalecimento das identidades enquanto sujeitos Sem Terra, na luta pela terra, na construção da Reforma Agrária Popular com a participação da juventude. Com o decorrer do tempo percebe-se que a organização das juventudes perpassa pelas

necessidades concretas, como questões de gênero, social, econômica, relações sexuais, culturais, políticas entre muitas expressões da Questão Social.

No seio dos movimentos populares, temos acumulado que a condição de juventude dar-se em um contexto concreto, com recorte social, econômico, político, cultural, sexual, étnico-racial e de gênero, no qual nos inserimos, associado a uma construção e experimentação que atribui significado a esse momento da vida, isto é, uma dimensão histórico-geracional, revelada a partir da sociabilidade (MST, 2019, P. 2, MIMEO).

A produção de saberes a partir da realidade concreta camponesa, nasce na perspectiva das demandas da juventude camponesa.

A seguir trazemos a perspectiva da presença da Juventude presente no Acampamento Padre Josimo.

3 JUVENTUDE NO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO

A juventude está presente no acampamento padre Josimo desde sua criação, inicialmente se tem a presença destes jovens na luta ativa desde o processo de mobilização para montar acampamento, até a sua participação no dia a dia da vida orgânica do território, com a participação desses sujeitos nas coordenações de núcleos de base, coordenação de setores e na organização do coletivo de juventude. O coletivo de juventudes inicialmente teve sua participação na manutenção das tarefas domésticas, como a limpeza das vasilhas da cozinha coletiva do acampamento, no abastecimento de água e lenhas.

Somos jovens de várias idades e diversas formações, desde a adolescência que reivindica já seu lugar depois de uma infância Sem Terrinha, na luta por uma escola do campo, até o pessoal que entra na universidade para ser mestre, especialista, doutor e doutora. Imagina, seu MST, iniciar lá na década de 1980 com camponesas e camponeses sem acesso à alfabetização, e hoje ter essa galerinha dando aula no ensino superior? A boniteza da conquista não limita nosso anseio por mais escolas onde ainda não há, ou para que todos possam chegar na faculdade (MST, 2024, mimeo).

O coletivo de juventudes sempre esteve envolvido com as vivências da arte e da cultura no território, com realização de gincanas e brincadeiras durante as noites do acampamento, entoando as canções e hinos do movimento aprendidas nos encontros e ocupações já vivenciados por eles.

Nos primeiros anos de acampamento padre Josimo, havia uma grande participação de jovens, uma boa parte com seus próprios cadastros e famílias, e uma parcela bem menor acompanhando sua família, mas com o passar do tempo e com os desafios enfrentados pelo acampamento, como os despejos e ameaças promovidas pelos conflitos diretos com fazendeiros ocorreu-se as desistências e, conseqüentemente as desistências das juventudes, além das ameaças o que provoca essa evasão das juventudes são as faltas de realização das suas necessidades concretas, como a dificuldade de acesso a escola, energia, internet, e geração de renda.

Na preocupação com a evasão das juventudes do acampamento, nos últimos períodos tem-se focado na busca de alternativas para a garantia da permanência destes no território, garantindo a participação nos espaços de formação, e na garantia de criação de projetos produtivos na perspectiva de geração de renda, com as

atividades de apicultura, e produção de hortaliças em parceria com o coletivo de mulheres, e aquisição de pequenas estruturas para a comercialização no município.

Atualmente o coletivo de juventudes, “Sementes”, conta com a participação de 8 oito jovens com idades de 15 a 22 anos, estes estão inseridos nas tarefas de coordenação local, contribuindo na produção de alimentos, seja individual ou no núcleo familiar, e atuação nas tarefas de comunicação e representação política, seja em espaços do próprio movimento, quanto em espaços organizados pelas organizações do campo unitário.

Como citado acima, a garantia da permanência das juventudes no campo é um grande desafio, pois o avanço das estratégias do agronegócio estão pautadas na expulsão de todas as famílias do campo, os jovens se tornam os primeiros, pois lhes é privado o direito à educação de qualidade, o acesso a cultura, lazer e geração de renda, e essa disputa não se dá apenas pelo campo material, como também no campos das disputas ideológicas, com a propaganda que o campo dos camponeses Sem Terra é atrasado, essa correlação de forças se dá pelas negação do direito de acesso à terra, dos direitos citados, anteriormente e outros programas de governos e políticas públicas.

No campo, precisamos compreender a juventude dentro do desenvolvimento do capitalismo neste espaço. O agronegócio muda a natureza da luta pela terra e Reforma Agrária, expulsando os camponeses, a começar pelos/as jovens, impondo uma série de contradições e desafios para a juventude que vive nos acampamentos e assentamentos. (MST, 2019, p. 2, mimeo).

No processo de desenvolvimento do capitalismo as juventudes sempre foram sujeitas e sujeitos em disputa, principalmente pela sua força de trabalho e capacidade de produção. No que diz respeito ao seu desenvolvimento no campo, as juventudes são disputadas pelas narrativas do agronegócio, de que o campo é um lugar de atraso, expulsando, primeiramente os jovens, através da precarização da vida no campo, impedindo-os de ter acesso a educação de qualidade, emprego e renda, e acesso a lazer, e esse movimento de expulsão das juventudes de seus territórios funciona como um processo de enfraquecimento das lutas de resistência no campo pois agrava o nível de envelhecimento da população do campo, proporcionando a reconcentração de terras para o latifúndio e para o modelo de produção do agronegócio.

3.1 Juventude do acampamento Padre Josimo

Para uma jovem Sem Terra, destaca como conheceu o MST

Eu conheci o MST através da minha mãe, mais do meu pai, que ela escutou umas pessoas falando que tinha outras pessoa querendo ir é plantar alimentos saudáveis e a gente já mexia com horta, aí a minha mãe pegou e me levou junto e tô dento até hoje foi assim que conheci o MST (Entrevistada, 17 anos).

Este é um relato de uma jovem mulher de 17 anos de idade, que coordena o coletivo de juventudes do acampamento. Em seu relato traz sua trajetória de inserção na luta pela terra desde sua infância, quando os seus pais decidem organizar junto ao movimento Sem Terra, na luta por um pedaço de chão para poder plantar seu próprio alimento. Percebe-se na fala desta jovem que a família já vem de um histórico de trabalho com a agricultura, em sua fala ela usa a produção de hortaliças, mas conhecendo a história da questão fundiária naquela região do acampamento padre Josimo,

Pode-se compreender que aquela região é de uma cultura de latifúndio atrasado, em que grande parte dos trabalhadores são lavradores e Sem Terra para poder exercer seu trabalho, então durante muito tempo, a alternativa para aqueles trabalhadores sempre foi trabalhar como meeiros ou arrendatários das terras que estavam sob domínio da elite daquela região, e se organizar no MST foi uma solução para a família da jovem naquele período.

A gente se reúne finais de semana, não a gente já não se reúne mais com tanta frequência por causa que alguns estão na universidade agora, outros estão na escola como é que agora é a escola integral aí fica meio difícil a gente ainda se reúne que a gente mexe com abelhas somos apicultores e também tem a horta quando ver tem algum evento pra ir pra fora a gente se reúne via whtsApp ou presencial mas geralmente é whatsApp já gente tem nosso grupo tudo certinho e tal e a gente escolhe quem vai, exemplo eu fui agora né nessa última aí eu já não vou, aí outra pessoa pra conhecer fazer esse intercambio. (Entrevistado, de 17 anos).

O coletivo sementes no acampamento é uma das atividades que a gente faz a gente tem o nosso plantio de horta e nossa criação de abelha de apicultura e o nosso dever no coletivo é divulgar essas coisas entendeu, divulgar a produção no acampamento não só os projetos do coletivo, mas divulgar as produções do acampamento divulgar as criações do acampamento entendeu esse é um dos objetivos (Entrevistado, 18 anos).

O coletivo sementes é o espaço de auto-organização da juventude Sem Terra do acampamento Padre Josimo, com a participação de 7 integrantes. O coletivo se

organiza através da produção como mostra os dois relatos acima, esses jovens têm se desafiado no trabalho a apicultura para a produção de mel, como uma alternativa para o fortalecimento da geração de renda em seu núcleo familiar, garantindo também uma diversificação da produção e garantindo uma participação mais incisiva das juventudes no processo de planejamento e tomadas de decisões no meio familiar e no coletivo como um todo.

No trabalho com a produção de hortaliças, tem sido um trabalho mais voltado para um fortalecimento do coletivo de juventudes, mas também para o fortalecimento do coletivo de mulheres, fortalecendo os diálogos Inter geracionais, tendo em vista que sempre foram as mulheres que estiveram contribuindo para a organização do coletivo de juventudes.

Os relatos acima, nos trazem informações importantes de como as juventudes se vem pertencentes ao território, quando falam dos objetivos de propagandar a organização da produção das famílias acampadas, e da importância de sua participação em atividades de intercambio onde eles levam as suas lutas no acampamento, mas também trazem experiências que possam contribuir para fortalecimento de seu coletivo.

E na luta pela terra eu me vejo como uma pessoa que contribui entendeu que tem vontade de contribuir e que vai continuar contribuindo entendeu? com a luta porque a luta não é só de um e de outro, a luta é de todos, todos lutam entendeu? por todos nós lutamos e lutaremos e vamos lutar por um objetivo só que é o objetivo de conseguir nossas terras pra poder plantar alimentos saudáveis e produzir (Entrevistada, 18 anos)

Neste último relato percebe-se que a juventude do acampamento padre Josimo tem um nível de compreensão e pertencimento sobre sua participação na luta em defesa da terra, e de seus direitos como jovem Sem Terra. Uma compreensão de coletividade.

4 JUVENTUDES E DESAFIOS NA LUTA PELA TERRA

A questão agrária no Brasil é histórica, processual e duradoura, visto que permanece presente, mesmo que de forma diferente, no cotidiano do campo brasileiro ao longo de mais de cinco séculos. Pode-se dizer ainda, que ela está intrinsecamente ligada ao processo e modelo de colonização imposto ao Brasil pelos europeus. Nesse sentido, entende-se as lutas dos povos indígenas do Brasil, contra os invasores europeus, como a primeira forma de luta pela terra no Brasil. Essa resistência à expulsão resultou em um verdadeiro massacre dos povos nativos que aqui viviam a centenas de anos. (AGUIAR, 2018, p.35)

A luta pela terra no Brasil, como citado pelo autor acima, se dá pelas mais diferentes formas de organização dos trabalhadores, desde a luta do povo negro que se organizaram nos quilombos, na luta pela libertação de seus corpos, ou dos povos indígenas que sempre resistiram as invasões dos europeus, contra a sua escravização e em defesa de seus territórios, luta essa que se estende até os dias atuais. No quesito luta pela terra, durante os mais de 500 anos de Brasil, foram surgindo diversas formas de organizações de luta e resistência do povo camponês, cada processo com suas organizações feitas a partir realidade dada ao período histórico e região que cada movimento aconteceu.

Os processos de organização do povo camponês se deram desde as lutas mais famosas, como as lutas messiânicas, a exemplo de canudos, ao cangaço, ou das ligas camponesas, balaiada, trombas e formoso, até a criação do MST, que se constitui um do movimento de luta pela terra mais duradouro no País.

Os movimentos de luta pela terra, se torna muito mais que se mobilizar por um pedaço de chão, de lutar contra o as cercas que expropria do campo, os movimentos camponeses vão cada vez mais se apropriando do debate de que a luta pela terra tem que ser pautada na libertação dos homens, de todas as correntes que os impedem de viver dignamente no campo, pode-se ver bem nas elaborações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que a luta camponesa precisa ser pautada a questão de acesso à terra. A pauta de reforma agrária popular precisa ser a centralidade, como um caminho para a garantia de acesso à terra, trabalho, educação, saúde, produção de alimentos, comercialização e outros direitos básicos para a manutenção da vida humana com dignidade.

Durante toda a história do país, fomos marcados por conflitos relacionados a luta pela terra, desde a resistência dos povos indígenas que resistiram ao escravismo Europeu, e na defesa de seus territórios, sofrendo diversos ataques e ações de massacre pelo colonizador, até as lutas do povo negro organizando-se em quilombos ali no período colonial.

Logo em seguida com a criação da lei de terras e abolição da escravidão, as lutas pela terra se reconfigura, pois antes os homens eram cativos e a terra livre, e com a criação da lei de terras os homens negros e os colonos europeus que não tinham dinheiro para comprar terras se viam obrigados a trabalhar para os coronéis, por bem pouco, após esse período que surgem as revoltas e organizações messiânicas, como a luta dos povos indígenas liderados por Sepé Tiaraju no Rio Grande do Sul de 1753 a 1756, Guerra de Canudos liderada pelo religioso Antônio Conselheiro na Bahia em 1896 e 1897.

Em um período mais recente surgem as ligas camponesas, na década de 1950, uma organização que teve contribuições de parlamentares do PCB e PSD, onde foram os primeiros a apresentarem uma proposta de reforma agrária para o Brasil, sofrendo fortes perseguições após o golpe militar de 1964.

Nesta perspectiva, deve-se tratar sobre juventudes, uma vez que deve-se entender a juventude como uma categoria que inscreve de diferentes formas a depender de seus processos de socialização. Isso pode ser exemplificado nas pesquisas realizadas recentemente entre aqueles indivíduos que vivenciam sua juventude na cidade em comparação com aqueles jovens do campo, pois mesmo partilhando da mesma geração, constroem relações sociais distintas por vivenciarem espaços diferentes (AGUIAR, 2018, p. 72).

O autor acima traz a importância de se trabalhar com as juventudes não como um sujeito que vivencia as mesmas experiências em todos os espaços, trazendo a importância de observar todas as suas especificidades seja nas relações sociais distintas, nos espaços de vivências e até mesmo os tempos históricos vividos por cada sujeito, nas pesquisas é muito comum fazer a distinção entre os jovens do meio urbano e do campo, mostrando que sempre há uma grande diferença, tendo como exemplo o acesso aos serviços e políticas públicas.

Ao trabalhar a juventude em um caráter plural, com essa necessidade de uma perspectiva de juventudes, o debate vai para além de juventude urbana e rural, pois até mesmo as juventudes camponesas vivenciam experiências distintas, a exemplo das juventudes que vivem e se organizam nos territórios do MST, a exemplo dos jovens do acampamento padre Josimo, que sempre vivenciaram os desafios da luta

pela terra, desde a infância sem terrinha com as experiências de participar da primeira ocupação de terras com seus pais, ou ao presenciar os cumprimentos de ordens de despejos sofridos pelas famílias acampadas.

Quando na sua adolescência e juventude sofrem para conseguir ter o direito de ter o direito de ir à escola, tendo uma cerca como barreira impedindo a entrada de um transporte escolar, ou até mesmo quando o Estado nega esse direito aos usuários da educação.

A juventude Sem Terra do acampamento Padre Josimo, enfrentam os desafios semelhantes aos de outros jovens camponeses como o direito ao lazer e outras políticas públicas, mas existe um grande desafio que é o da própria criminalização pelo fato de estarem organizados na luta pela terra, muitas vezes não sendo reconhecidos pelo estado como juventude camponesa, quando chega o momento de acessar as poucas políticas existentes para esse público.

Nesse sentido nota-se que a juventude vai sendo analisada de forma diferente de acordo com o período histórico ou espaço em que ela está inserida, o que demonstra o caráter plural da juventude e a necessidade de sempre se trabalhar com a perspectiva de juventudes. (AGUIAR, 2018, p. 74)

Quando se fala em juventudes e períodos históricos, vem muito em memória os debates em torno dos conflitos geracionais, pois o período da juventude é um momento em que se encontra as coisas muitas vezes dadas, pensadas e construídas por quem veio antes, e quando questionadas pelas juventudes, é considerado um ato de desrespeito, onde os adultos passam a exercer práticas de retaliações, principalmente no meio familiar.

No que diz respeito às lutas e movimentos sociais esses conflitos vêm de duas formas. Primeiro quando as juventudes não se sentem representadas pelos modelos arcaicos de organização dos movimentos, principalmente os modelos de organizações sindicais, daí as juventudes são tratadas como preguiçosas que não se preocupam com o futuro ou que não dão valor as lutas dos que os antecederam, carregando uma imagem de pessoas ingratas muitas vezes.

Segundo é quando os jovens se identificam com as lutas e participam ativamente das organizações sociais, começam a ocupar espaços e questionam os modelos atrasados de organização, esses são fatores que provocam os conflitos geracionais, pois ao mesmo tempo em que a juventude que não se sente pertencente à um modelo de organização social é tratada como sem compromisso, muitas vezes

aqueles que se inserem de alguma forma em alguns espaços, são considerados ameaças para os mais velhos, tudo isso por falta de diálogo entre ambas as partes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Participação das juventudes no processo de luta pela terra se dá de várias formas, no caso do coletivo sementes, os jovens se inserem na luta pela terra desde a infância quando as famílias vão para o acampamento, e conseqüentemente todos os membros vão juntos. No movimento Sem Terra ocorre o esforço de inserção e organização de todos os sujeitos, que vivem em cada território organizado pelo MST.

Ser jovem é viver um período de muitas descobertas e de muitas disputas, e ser jovem Sem Terra é um grande desafio, pois além das disputas provocadas pelo capitalismo, as juventudes do acampamento padre Josimo também sofrem a questão da invisibilidade por parte do Estado, no que diz respeito as políticas públicas. Para o MST, embora o debate da organização das juventudes seja recente, comparando seu tempo de existência, e até mesmo as fragilidades existentes em algumas regiões, o fortalecimento dos coletivos de juventudes sempre está presente na pauta da organização, como uma estratégia de fortalecimento da luta por reforma agrária popular.

Considerando os resultados dessa pesquisa percebe-se que as juventudes do território do acampamento padre Josimo, organizadas no coletivo Sementes, fortalecem a luta de seus territórios, com o seu processo de auto-organização, enquanto sujeitos na construção da identidade Sem Terra, mas também como um todo, desde a organização da produção às ações de lutas, formação política, representatividade de sua coletividade até a ocupação da academia. As organizações das juventudes precisam acontecer de fato, nos territórios com formação política, trabalho e geração de renda, lazer e muita paciência histórica.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO E BORGES, A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008.
DOI: 10.14393/REP-2007-19988. Disponível
em: <https://seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/view/19988>. Acesso em: 4 mar. 2025.

CARNEIRO, maria JOSÉ; CASTRO, elisa GUARANÁ. **Juventude rural em perspectiva**/ organizadoras - Rio de Janeiro, MAUAD X, 2007.

HERBERTE, de Souza Lima Aguiar Marcones. **A juventude e a luta pela terra no Piauí**: memórias do processo de construção do assentamento Marrecas - PI (1985 - 1994). Vitória da Conquista, 2018. 156 f.